

**TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO:
DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR
EM A CASA DA MADRINHA DE LYGIA BOJUNGA**

Elisa Augusta Lopes Costa (UFPA/UFT)
elisalopes@ufpa.br

RESUMO

O objetivo do presente artigo é fazer uma abordagem sobre os temas relacionados à complexidade e transdisciplinaridade na educação, com base no livro *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga. A escolha justifica-se pelo fato de se tratar de uma narrativa que sugere o questionamento de práticas autoritárias do período da ditadura militar no Brasil (contexto em que a obra foi produzida) além de permitir que se vislumbrem duas concepções diferentes de educação, quais sejam: o paradigma tradicional, que se vale de metodologias tecnicistas, e o paradigma emergente, voltado para a inovação, a complexidade e transdisciplinaridade. Para atingir os objetivos, primeiramente será feita a contextualização sobre a vida e a obra da autora, seguindo-se depois a abordagem dos trechos relativos ao tema em estudo, os quais permitem verificar a existência, na obra, de indícios que sinalizam a possibilidade de uma forma de ensino que valoriza o educando e o encaminha para um aprendizado ativo e crítico.

Palavras-chave: Educação. Complexidade. Transdisciplinaridade. Lygia Bojunga.

1. Introdução

Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.

Nely Coelho

A literatura, embora não tenha o compromisso de retratar a realidade como um espelho fiel, elabora este retrato a partir de um ponto de vista subjetivo que permite verificar, nos personagens e nas situações narradas, vestígios da sociedade retratada, pois, segundo Nely Novaes Coelho, trata-se de um “verdadeiro microcosmo da vida real transformada em arte” (2000, p. 15). Para Antonio Candido, a literatura tem uma tríplice função: atender à necessidade de ficção e fantasia, contribuir para a formação da personalidade, e prover conhecimento do mundo e do ser, por meio da representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade (2002, p. 85)

Diante destas considerações, verifica-se que a literatura abre a possibilidade de conhecer melhor um tema por diversificados ângulos de observação, os quais podem se somar aos textos teóricos para aprofundar

conhecimentos em uma determinada área de estudo. Por este motivo, pretende-se fazer uma abordagem sobre os temas relacionados à complexidade e transdisciplinaridade a partir das referências à educação contidas na obra de Lygia Bojunga. A justificativa para a escolha desta autora deve-se ao fato de que ela aborda os mais diversos temas com seriedade e leveza, uma vez que suas histórias são recheadas de fantasia, mas baseadas em elementos tomados da realidade, o que permite discutir os comportamentos sociais sem, no entanto, deixar de lado a função lúdica da literatura.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi eleito o livro *A Casa da Madrinha* por se tratar de uma narrativa que sugere o questionamento de práticas autoritárias do período da ditadura militar (contexto em que a obra foi produzida) além de permitir que se vislumbrem duas concepções diferentes de educação, quais sejam: o paradigma tradicional, que se vale de metodologias tecnicistas e o paradigma emergente, voltado para a inovação, a complexidade e transdisciplinaridade. Para atingir os objetivos, primeiramente será feita a contextualização sobre a vida e a obra da autora, seguindo-se depois a abordagem dos trechos relativos ao tema em estudo.

2. Lygia Bojunga e as referências à educação em sua obra

A minha necessidade fundamental é lidar com palavras e criar personagens. (Lygia Bojunga)

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas (RS), em 26 de agosto de 1932, onde viveu em uma fazenda até os oito anos, quando mudou-se para o Rio de Janeiro. Antes de tornar-se escritora, foi atriz de teatro e também de rádio, passando depois a escrever para o rádio e a televisão. Mudou-se para o interior do Rio de Janeiro, onde fundou, juntamente com seu marido Peter, a *Toca*, uma escola rural para crianças carentes, a qual dirigiu por cinco anos.

Apaixonada pelos livros desde criança, via-os primeiramente como brinquedos, antes de perceber que o melhor estava no seu conteúdo

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. (BOJUNGA, 2010, p. 8)

De tanto brincar com os livros, olhando para as paredes que cons-

truía, começou a descobrir o encantamento da literatura: “o livro agora alimentava minha imaginação”. Para Lygia Bojunga, a experiência com os livros é um processo de troca: quanto mais se procura, mais ele oferece. Foi essa troca que a impulsionou a escrever para crianças: “eu cismeii um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra - em algum lugar - uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar”. (*Idem*, p. 9)

A autora teve vários títulos de sua obra traduzidos para diversos idiomas, além de receber também prêmios relevantes, dentre os quais destacam-se o Prêmio Hans Christian Andersen (1982), um dos mais destacados da literatura infantil e juvenil, e o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) em 2004, o qual, criado pelo governo da Suécia, jamais havia sido outorgado a um autor de literatura infantil e juvenil.

Em 2002, Lygia Bojunga funda sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, assumindo a publicação de seus livros. Cria também, em 2004, a Fundação Cultural Lygia Bojunga, que tem como objetivo desenvolver ações que aproximem o livro da população brasileira.

Seus primeiros livros foram assinados como Lygia Bojunga Nunes, passando depois a constar apenas Lygia Bojunga. O primeiro deles, *Os Colegas*, publicado em 1972, inicia uma série de histórias que têm animais como protagonistas, aproximando-se das fábulas e diluindo os limites entre a realidade e a fantasia. Desta forma, personagens antropomorfizados, lado a lado com personagens humanos, vivem conflitos e abordam questões sociais contemporâneas com humor e leveza. Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilbermann (2007), a escritora tece uma crítica à sociedade brasileira contemporânea, tematizando a miséria, o sofrimento e crise de identidade infantil, por meio de histórias que encantam e levam à reflexão:

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a autoimagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO & ZILBERMANN, 2007, p. 158)

Segundo as autoras, a narrativa de Lygia Bojunga detém-se nos detalhes do comportamento e do ambiente, de tal modo que se aproxima do fluxo de consciência, resultando em uma narrativa original que rompe com a linearidade e “parece colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo”. (*Idem*, p. 158)

Convém destacar também que Lygia Bojunga consegue esta aproximação com seu público infantil por meio de uma linguagem simples, coloquial, muito próxima da oralidade, o que se verifica não só no registro dos diálogos entre personagens (o que é comum em obras de literatura infantil), mas também na narrativa, de modo que não se percebe distinção de níveis de formalidade na transição das falas dos personagens para a posição do narrador. Conforme observa a pesquisadora Maria Antonieta Cunha,

Lygia Bojunga Nunes, ao (ou para) questionar a ideologia burguesa, opta pelo uso da língua em suas formas mais genuínas e menos valorizadas. E põe por terra o (pre)conceito de que a língua da classe dominante é a única geradora do discurso literário. (CUNHA, 1983, p. 105).

Os livros da primeira fase da escritora, publicados na década de 1970, são histórias recheadas de fantasias, mas fundamentadas na realidade, pelas quais a autora debate os problemas sociais resultantes da ideologia dominante. De acordo com a pesquisadora Célia Fernandes,

Publicadas na década de 1970, momento em que a literatura infantil assume o tom de protesto e procura documentar a realidade brasileira, essas obras, entretanto, dialogam constantemente com o real pelas trilhas do fantástico e do simbólico. Pode-se, por isso, alegoricamente, visualizar nelas o contexto histórico brasileiro dos anos de 1970. (FERNANDES, 2013, p. 88)

Corroborando as informações acima, Josenildo Morais demonstra que a imaginação e a fantasia se tornaram elementos recorrentes para tematizar os problemas da sociedade da época, estratégia utilizada por diversos escritores para poderem se expressar com relativa liberdade:

É interessante registrar que esse era um tipo de literatura que fugia aos olhos da censura. Mesmo na primeira metade dos anos 1970, quando ainda nem se falava em abertura política, a literatura infantil não era objeto de preocupação dos responsáveis pela censura no regime militar. Como não era vista como algo sério, mas sim como mais um brinquedo para crianças, os censores não vigiavam a publicação das obras destinadas a esse público. (MORAIS, 2011, p. 45)

Lygia Bojunga situa-se entre os autores que se valeram da literatura infantil para lidar com a situação daquele momento histórico. A escritora justifica sua opção afirmando que os generais não costumavam ler livros para crianças. Nesta perspectiva, verifica-se a temática da educação por meio de diversos personagens, tais como os destacados em *Os colegas*: um pombo estudioso e seis tatuzinhos – os irmãos Garcia – que foram matriculados em “uma escola rural para aprenderem a ler, escrever, fazer conta e fazer túnel” (BOJUNGA, 2004, p. 86). Em *Angélica*, o

porco Porto sofre *bullying* e decide abandonar a escola para não mais ser perseguido pelos macacos que formavam a turma do fundão e “já sentavam ali de propósito para fazer bagunça” (BOJUNGA, 1977, p. 11). A *bolsa amarela* apresenta um galo de briga que tem o pensamento costurado com uma linha forte “Pra não rebentar. E pra ele só pensar: ‘eu tenho que ganhar de todo o mundo’, e mais nada” (BOJUNGA, 2002, p. 41)

Deste modo, valendo-se de elementos alegóricos e personagens antropomorfizados, Bojunga questiona o *status quo* relativo à educação da época, manifestando-se de modo sutil e lúdico, fato que se repete em *A casa da madrinha*, narrativa em que a opção ideológica pelos excluídos começa com a tematização do trabalho infantil e da evasão escolar na figura do protagonista, mas estende-se de maneira sutil aos problemas vivenciados pelos personagens antropomorfizados – o Pavão e a Gata da Capa.

Trata-se da história protagonizada por Alexandre, menino pobre, morador de uma favela no Rio de Janeiro, que precisa deixar a escola para trabalhar vendendo sorvetes e amendoim na praia, a fim de ajudar nas despesas da casa. Com o aumento da quantidade de pessoas vendendo de tudo nas areias de Copacabana, Leblon e Ipanema, Alexandre não consegue vender quase nada. Desanimado, resolve partir em busca da casa de sua madrinha, a qual, na realidade, era apenas parte das histórias inventadas pelo irmão mais velho para ajudar o menino a dormir e esquecer a fome. No decorrer da viagem, Alexandre conhece o Pavão, que se torna seu companheiro de aventuras. Mais adiante, a menina Vera se junta à dupla na busca pela casa da madrinha.

A narrativa não é linear, de modo que o leitor encontra Alexandre já em meio a sua viagem e só vai tomando conhecimento dos detalhes da história quando ele próprio a conta para Vera, garota que conhecera no caminho. Assim, em meio a idas e vindas, tem-se o relato das aventuras e desventuras escolares vivenciadas por Alexandre e pelo Pavão, as quais serão foco destas reflexões.

3. *O paradigma do atraso*

A escola para onde levaram o Pavão se chamava Escola Osarta do Pensamento. Bolaram o nome da escola para não dar muito na vista. Mas quem estava interessado no assunto percebia logo: era só ler Osarta de trás para frente. (Lygia Bojunga)

Quando Alexandre se coloca a caminho em busca da casa da sua madrinha, encontra o Pavão, que estava vagando pelo mundo à procura de sua amiga, a Gata da Capa, depois de ter passado por diversas experiências difíceis: foi explorado pelo marinheiro João das Mil e Uma Namoradas, vendido para um zoológico, de onde foi roubado por um funcionário para servir de destaque em uma escola de samba, depois vendido para uma família rica para servir de enfeite de jardim. Nesta casa, Pavão faz amizade com a Gata da Capa, que desaparece quando a casa é derrubada para a construção de um edifício. Levado para uma outra casa, o Pavão foge e parte, sem rumo, em busca de sua amiga, perguntando a todos que encontrava se tinham visto a Gata da Capa.

Todas estas coisas, entretanto, só aconteceram porque ele “pensava pingado” devido ao filtro que fora colocado em sua cabeça para lhe atrasar o pensamento, de modo que ele não conseguia se defender dos que tencionavam explorá-lo. A inserção do filtro ocorreu na escola Osarta, para onde o Pavão foi levado pelos seus primeiros donos, que queriam fazê-lo obedecer a tudo sem questionar. Como ele não se submetesse facilmente, teve que passar pelos três estágios da escola: o Curso Papo, o Curso Linha e o Curso Filtro. Pavão gostou do curso Papo, porque gostava de conversar, dar opiniões e saber o que as pessoas achavam.

Só tinha um problema: ele não podia achar nada; tinha que ficar quieto escutando o pessoal falar. Se abria o bico ia de castigo; se pedia pra ir lá fora ia de castigo; se cochilava (o pessoal falava tanto que dava sono), acordavam ele correndo pra ele ir de castigo. O Pavão então resolveu toda hora abrir o bico, ir lá fora, cochilar — só pra ficar de castigo e não ouvir mais o pessoal falar. Não adiantou nada, deram pra falar na hora do castigo também. E ainda por cima falavam dobrado. (BOJUNGA, 2002, p. 26)

O objetivo do curso Papo era fazer os alunos ficarem com medo, pois seus idealizadores sabiam que o medo causava o atraso no pensamento dos alunos. O pavão foi ficando assustado, adquiriu tique nervoso, mas conseguiu enganar os professores colocando cera no ouvido. Quando eles perceberam que o curso não estava mais dando resultados, levaram o Pavão para o curso Linha, que consistia em costurar o pensamento do aluno, deixando para fora só o que os donos quisessem que fosse pen-

sado.

Este segundo curso também não surtiu efeito, porque o Pavão conseguiu resistir, fazendo uma “ginástica de pensamento” que conseguia arrebentar a linha. Assim, após várias tentativas, chegou-se à conclusão que só o Curso Filtro resolveria o caso. Colocado o filtro, fecharam a torneirinha, deixando-a aberta apenas o suficiente para “pingar” alguns pensamentos, fazendo com que as ideias do Pavão fossem ficando cada vez mais atrasadas e ele não conseguisse resistir às ordens de seus donos. Porém, os responsáveis pelo curso não perceberam que a torneirinha tinha um defeito de fábrica, de modo que, de repente, abria-se toda, liberando o pensamento do Pavão, que voltava ao seu modo normal de pensar. Infelizmente, a abertura durava pouco tempo e, também de repente, a torneirinha se fechava de novo, fazendo com que o pensamento voltasse a pingar.

As atitudes dos organizadores da Escola Osarta apontam para uma concepção de educação que é o alicerce de suas práticas, conforme assevera Maria Cândida Moraes:

Na prática do professor, encontram-se subjacentes um modelo de educação e um modelo de escola, fundamentados em determinadas teorias do conhecimento. (...) A atuação do professor traduz sua visão de educação. É impossível separar uma coisa da outra. A teoria de aprendizagem que fundamenta sua ação contém as explicações de como ele crê que o indivíduo aprende e determina o modelo pedagógico adotado pela escola. (MORAES, 2011, p. 18)

De acordo com esta pesquisadora, as práticas docentes são regidas por uma concepção de educação calcada no modelo de ciência que prevalece em determinado momento histórico:

Acreditamos na existência de um diálogo interativo entre o modelo científico, as teorias de aprendizagem e as práticas pedagógicas desenvolvidas. (...) A ciência que explica nossa relação com a natureza, com a própria vida, esclarece também a maneira como apreendemos e compreendemos o mundo, mostrando que o indivíduo ensina e constrói o conhecimento baseado na forma como compreende a realização destes processos. (MORAES, 2011, p. 18)

Este modelo científico foi chamado por Thomas S Kuhn (1998) de paradigma, tendo sido definido como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p. 13). Conforme esclarece Maria Cândida Moraes (2011, p 31), um paradigma refere-se a padrões compartilhados, componentes de uma estrutura que gera teorias para a explicação de determinados aspectos da realidade.

Deste modo, verifica-se que o paradigma que dá sustentação às práticas desenvolvidas pela Escola Osarta é o chamado Paradigma Tradicional, baseado no pensamento de René Descartes e Isaac Newton. Descartes desenvolveu a ideia de que o mundo é uma máquina, e a natureza é governada por leis, cujas fórmulas são matemáticas. Isaac Newton complementou ideia de René Descartes, desenvolvendo uma formulação matemática completa da concepção mecanicista da natureza. Surgiu daí o racionalismo cartesiano/newtoniano, que possibilitou o desenvolvimento científico-tecnológico, fazendo com que o pensamento, dotado de clareza, de organização e de objetividade, propiciasse a validação científica e pública do conhecimento.

O paradigma cartesiano marcou fortemente a esfera educacional, dando origem a um processo de ensino centrado no professor, no programa e nas disciplinas, restando ao aluno apenas executar mecanicamente as prescrições recebidas, sem poder questionar ou refletir:

o aluno passou a ser mero espectador, exigindo dele a cópia, a memorização e a reprodução dos conteúdos. No paradigma conservador, a experiência do aluno não conta e dificilmente são proporcionadas atividades que envolvam a criação. A prática pedagógica tradicional leva o aluno a caracterizar-se como um ser subserviente, obediente e destituído de qualquer forma de expressão. O aluno é reduzido ao espaço de sua carteira, silenciando sua fala, impedido de expressar suas ideias. A ação docente concentra-se em criar mecanismos que levem a reproduzir o conhecimento historicamente acumulado e repassado como verdade absoluta. (BEHRENS & OLIARI, 2007, p. 60)

É exatamente este o tipo de “ensino” encontrado na escola Osarta, cuja visão conservadora privilegiava apenas o adestramento intelectual do aluno, pois o Pavão, apesar de ter sido reprovado no curso Papo e no curso linha, não saiu ileso. O medo adquirido no primeiro curso e os pedaços de linha que restaram do segundo o faziam distrair-se facilmente, de modo que ele não conseguiu opor resistência quando confrontado com o último, o Curso Filtro. Como resultado, o Pavão passou a ter um pensamento fragmentado, que o impedia de perceber a totalidade das coisas, conforme a colocação de Edgar Morin:

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. (MORIN, 2002, p. 14)

Este tipo de pensamento fragmentado, alimentado pelo medo, é consequência do uso do sistema educacional como forma de manutenção do poder. Esta estratégia de intimidação e controle utilizada pelos gover-

nos autoritários retira da escola o papel de formadora de cidadãos críticos e autônomos, transformando-a em reprodutora de marionetes bem-comportados.

Nesta perspectiva, a representação da educação configurada na escola Osarta pode ser vista como uma metáfora das práticas e dos discursos autoritários presentes na sociedade brasileira no período em que a educação assume caráter privilegiado de controle e difusão da ideologia oficial. Trata-se de um sistema disciplinar de doutrinação e adestramento de corpos e mentes, imposto a partir da implantação do tecnicismo após o golpe militar de 1964, conforme Célia Regina Fernandes:

A partir de 1968, o sistema educacional é adequado à orientação político-econômica do regime militar: leis 5.540/68 e 5.692/71, que reorganizaram o ensino superior e o ensino de 1º e 2º graus. Nesse contexto, a escola assume o papel de modelar o comportamento humano, por meio de técnicas específicas, para o aperfeiçoamento da ordem social vigente, e de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho. (FERNANDES, 2013, p. 91)

A crítica de Lygia Bojunga à escola é contundente, porém feita de maneira simbólica, tratando com leveza um assunto da maior seriedade. Assim, no decorrer da narrativa, o Pavão consegue escapar de todos os que o exploravam, conquistando a almejada liberdade. Entretanto, passou muito tempo ainda com o filtro de pensamento em sua cabeça, apenas livrando-se dele quando foi retirado pela Gata da Capa com um saca-rolhas, quando os dois finalmente se encontraram na casa da madrinha de Alexandre. Percebe-se, portanto, que as influências nefastas de uma educação baseada no paradigma tradicional e no autoritarismo podem demorar muito tempo para serem minimizadas, fato que, na narrativa, necessita de uma intervenção externa para se concretizar.

4. *A maleta velha e o paradigma novo*

A professora era jovem; a maleta era velha, meio estragada, e de um lado tinha o desenho de um garoto e uma garota de mão dada, vestindo igual. Cabelo igual, risada igual. (Lygia Bojunga)

A temática educacional continua sendo tratada na obra por meio do relato da vivência escolar do protagonista. Depois de apontar os problemas da escola baseada no paradigma tradicional, Lygia Bojunga apresenta uma outra situação, que se volta para a complexidade e a transdisciplinaridade.

A autora começa a nova abordagem destacando uma valorização da escola quando Augusto, irmão mais velho de Alexandre, decide que o menino precisa estudar:

– O Alexandre não vai vender sorvete que nem a gente. Ele vai estudar. Vai estudar até ficar homem feito.

Matriculou Alexandre na escola, levou ele pra aula no primeiro dia, e aí falou:

– Pronto, garoto, agora bota a cuca pra funcionar. (BOJUNGA, 2002, p. 41)

A atitude de Augusto representa também a crença na educação como possibilidade de ascensão social. Os dois irmãos, pertencentes a uma família muito pobre, que sobrevivia de sub-empregos, passaram a fazer planos: “estava numa dúvida danada se ia ser médico do coração ou dos dentes; também ainda não sabia direito onde é que ia comprar apartamento, se Ipanema ou Leblon” (BOJUNGA, 2002, p. 41)

Entretanto, como os sonhos nem sempre se realizam, a necessidade de ajudar na manutenção das despesas familiares obriga Alexandre a abandonar a escola, que ele frequenta por, no máximo, dois anos, a julgar pelos períodos de férias mencionados no texto. Como a vida era difícil, o garoto, além de estudar, vendia amendoim e sorvete na praia nos finais de semana e também durante as férias escolares. Conforme as dificuldades foram aumentando, Alexandre diminuía a frequência às aulas e aumentava os dias de trabalho, até finalmente parar de estudar. Antes, porém, que isso acontecesse, ele conhece a Professora da maleta: “E Alexandre continuou estudando. No meio do ano já pulou para uma turma mais adiantada. A turma tinha acabado de ganhar uma professora nova, que nunca vinha sozinha: chegava sempre com uma maleta”. (BOJUNGA, 2002, p. 42)

A professora não é nomeada: é apenas a Professora da maleta e tem uma passagem muito rápida pela narrativa. Bojunga foi extremamente econômica quanto à caracterização desta professora, que é retratada como jovem e gorducha, em contraste com a maleta que, apesar de também gorducha, era velha e meio estragada. A expressão “gorducha” parece não assumir conotação negativa, tendo em vista sua associação com a aparência da maleta, como que formando um conjunto, um todo que agradava aos alunos.

A autora não tece maiores detalhes sobre a aparência física da professora, preferindo deter-se nas suas atitudes: “a professora gostava

de ver a classe contente, mal entrava na sala e já ia contando uma coisa engraçada” (BOJUNGA, 2002, p. 42). Tal comportamento é o primeiro ponto de contraste com a pedagogia tecnicista que não abre espaço para o diálogo e a interação.

A descrição da maleta como velha e meio estragada permite inferir que aquela professora, apesar de jovem, tinha considerável experiência e que a maleta era muito utilizada em sua prática docente. A concentração na maleta como ferramenta de trabalho é altamente simbólica, demonstrando o profissionalismo da docente que procurava inovar metodologicamente. Levada para a sala de aula todos os dias, a maleta continha pacotes de todo os tipos, tamanhos e cores. "Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era à toa que a maleta ficava gorda daquele jeito". (BOJUNGA, 2002, p. 42)

A maleta com os pacotes era uma marca característica da professora, que a usava como estratégia para surpreender os alunos e motivá-los para o aprendizado. Cada pacote tinha um significado: “pacote azul era dia de inventar brincadeira de menino e menina”, o pacote cor-de-rosa indicava o dia de aprender a cozinhar, o pacote vermelho servia para falar sobre viagens e lugares diferentes. Havia pacotes que serviam para introduzir atividades como aprender a cortar unha e cabelo, pregar botão e muitas outras coisas. Havia o pacote de histórias que a professora contava e as crianças adoravam.

Havia o pacote branco, que era escondido pela professora para os alunos procurarem. Aquele que o encontrasse, deveria dar aula. A princípio, os alunos achavam chato, mas depois acabaram gostando, pois a professora dizia que, na aula, cada aluno podia contar sua própria vida. Deste modo, interagindo com a classe por meio dos pacotes multicoloridos e relacionando estas atividades às disciplinas curriculares, ela proporciona aos educandos uma aprendizagem prática, acompanhada de prazer e alegria.

Verifica-se também que se trata de uma pessoa comprometida com seu trabalho, que se empenha na preparação do material a ser utilizado. Ao retirar um pacote da maleta no início da aula, a professora surpreendia apenas os alunos, pois ela já tinha tudo pronto, como no dia do pacote cor-de-rosa, quando os alunos deveriam aprender a cozinhar. A professora tinha fogão e botijão de gás a postos, além dos ingredientes necessários para a execução da receita que seria a base para uma aula de

matemática.

A metodologia desta professora representa a possibilidade de rompimento com o paradigma tradicional: procurando formas diferenciadas de abordagem dos conteúdos disciplinares, ela é inovadora, criativa e sensível à realidade dos seus alunos. Ao promover a participação dos estudantes, ela relaciona os conteúdos à vida deles, promovendo uma aprendizagem significativa e relevante para além da sala de aula. Deste modo, ocorre a quebra do paradigma da escola autoritária a serviço da classe dominante. Surge a possibilidade de um espaço de atuação e inclusão, onde todos são importantes, sujeitos transformadores da realidade.

A prática docente da Professora da maleta vai além das disciplinas: ela não ensina apenas matemática, português, história ou ciências. As atividades propostas atravessam as disciplinas e ao mesmo tempo as unem de forma significativa. Deste modo, a professora leva em conta o contexto social dos estudantes, sua carência material e ensina-lhes coisas práticas, como cortar unha e cabelo, pregar botão e abotoar sapato, em associação com os conteúdos disciplinares. Sua atuação se aproxima da tese da religação dos saberes para se lidar com a complexidade da vida, defendida por Edgar Morin em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*:

Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa... (MORIN, 2000, p. 38)

Para Edgar Morin, o ser humano contém em si a complexidade por que é, ao mesmo tempo, biológico e cultural, sendo que as atividades biológicas mais elementares, como comer e beber, estão cercadas de normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ou seja, tudo o que é especificamente cultural. Por este motivo, segundo o autor, torna-se necessário que os estudos sejam voltados para a condição humana multidimensional:

O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é o ser humano. (...) Seria preciso conceber uma ciência antropossocial religada, que concebesse a humanidade em sua unidade antropológica e em suas diversidades individuais e culturais. (MORIN, 2002, p. 40 e 41)

Nesta perspectiva, a Professora da maleta, ao considerar as neces-

sidades mais básicas de seus alunos, associando-as com as atividades curriculares, estava rompendo com o paradigma tradicional, denominado por Edgar Morin de *paradigma da simplicidade*, e assumindo um novo paradigma, o da complexidade, de acordo com a definição de Edgar Morin:

Chamo *paradigma de simplificação* ao conjunto dos princípios de inteligibilidade próprios da cientificidade clássica, e que, ligados uns aos outros, produzem uma concepção simplificadora do universo (físico, biológico, antropológico).

Chamo *paradigma de complexidade* ao conjunto dos princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo (físico, biológico, antropológico). (MORIN, 2005, p. 330)

Segundo este pesquisador, a complexidade aponta para a transdisciplinaridade, pois as disciplinas isoladamente não conseguem estabelecer com o conhecimento uma relação voltada para a totalidade e multiplicidade. Edgar Morin considera a transdisciplinaridade como “esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, enquanto no artigo 3 da *Carta da Transdisciplinaridade* destaca-se a seguinte definição:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (NICOLESCU, MORIN & FREITAS, 1994)

Basarab Nicolescu (2001, p. 22) esclarece que o transdisciplinar está, ao mesmo tempo, entre, através e além das disciplinas, sendo o seu objetivo a compreensão do mundo presente. Não é uma nova disciplina, mas alimenta-se da pesquisa disciplinar e a enriquece com uma visão amplificada. Trata-se de uma nova postura, que requer um novo tipo de educação, voltada para o novo, aberta ao diálogo e ao respeito à diversidade.

De acordo com Ruth Catarina Souza, esta é uma questão que se estende à educação de modo abrangente, devendo ser tratada no âmbito escolar, e não apenas em uma prática individual:

Considerar a escola a partir da complexidade significa compreender a função e a prática do professor também em consonância com este paradigma. Pensar a docência como uma prática complexa implica admitir que ela tem uma dimensão de totalidade, compõe-se de múltiplos saberes, que, para serem compreendidos em suas relações, exigem uma preparação especial, bem como condições particulares para seu exercício. As consequências desta perspectiva

supõem mudanças pedagógicas e didáticas profundas. (SOUZA, 2006, p. 153)

O que se verifica, entretanto, é que estas mudanças requeridas não encontram aceitação unânime, conforme retratado na continuação da narrativa em tela. A atuação da Professora da maleta não corresponde às expectativas da direção escolar e dos pais dos alunos, sendo alvo de questionamentos e reprovações.

Em certa ocasião, durante uma aula de matemática, a professora estava ensinando os alunos a cozinhar. A diretora entrou na sala, viu a confusão dos alunos ao redor da mesa dando palpites na receita. Não gostou, mas saiu da sala sem dizer nada.

Em outra situação, Alexandre, tendo sido escolhido para dar aula, estava contando que trabalhava vendendo amendoim na praia. Naquele momento, entraram na sala alguns pais de alunos que estavam visitando a escola e, não compreendendo o tipo de atividade proposto, fizeram diversas observações negativas.

Pouco tempo após estes incidentes, a professora aparece um dia na escola sem a maleta. Como chovera muito, quase todos os alunos haviam faltado e só Alexandre estava na sala. A professora chega, mas com aparência triste, ao contrário do seu costume. Segue-se um diálogo entre Alexandre e a professora, em que ela relata que havia perdido sua maleta, e não era possível recuperá-la ou comprar outra. Alexandre fica desolado, sugere a colocação de um anúncio no jornal na tentativa de recuperação do precioso objeto. Mais tarde, quando é forçado a deixar a escola, não se esquece da professora nem da maleta, pensando sempre em reencontrá-la para devolver à sua dona.

O texto não relata se a professora continuou a dar aulas sem a maleta, cedendo às pressões do sistema escolar, ou se decidiu utilizar estratégias menos contundentes, ou, ainda, se resolveu mudar de escola ou de profissão. O que se pode depreender do texto é o desapontamento e a tristeza, retratados no choro da professora e na sua atitude estática:

Lá pelas tantas a professora chegou. Mas chegou sem a maleta. E com um jeito meio diferente, uma cara meio inchada, não contou coisa gozada, não riu nem nada. Sentou e ficou olhando pro chão. (...) Alexandre resolveu esperar mais um pouco. Mas pelo jeito, a professora tinha esquecido de dar aula. Será que era porque ela não tinha trazido a maleta? (BOJUNGA, 2002, p. 44)

A lição que fica, com o “sumiço” da maleta, é a de que as ideias diferentes e inovadoras ainda encontravam muita resistência naquele momento. As necessidades e desejos dos alunos ficavam em segundo

plano, prevalecendo a concepção mecanicista e autoritária. Seria preciso um bom tempo antes que a situação se tornasse mais favorável ao ensino humanizado e crítico.

5. *Considerações finais*

A representação da educação na narrativa de Lygia Bojunga deixa claro que a crítica da autora não se dirige à escola como instituição, mas a uma determinada concepção de educação que tolhe as atitudes de inovação e religação dos saberes, representada pela escola Osarta e pelos opositores da Professora da maleta.

Por outro lado, Bojunga não aponta apenas o lado negativo, mas também oferece uma proposta de educação diferenciada a partir dos pacotes multicoloridos da maleta da professora. Longe de significar uma receita a ser copiada *ipsis literis*, a maleta simboliza a possibilidade de aprender com prazer e descobrir o mundo dentro da escola. Simboliza também a ruptura com o ensino da década de 1970, apontando para a emergência de um novo paradigma, que tem na transdisciplinaridade a possibilidade de inovação pedagógica e de concretização de um novo fazer docente.

O impedimento da professora em seguir com sua atuação diferenciada indica que a tão necessária virada transdisciplinar ainda estava longe de se concretizar naquele período histórico. Felizmente, verifica-se que a situação vem se modificando nos últimos anos com o avanço das pesquisas sobre esta temática, de tal modo que já se pode encontrar inúmeros relatos de projetos inter, multi ou transdisciplinares realizados ou em andamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. *Diálogo Educacional*, Curitiba, vol. 7, n. 22, p. 53-66, set/dez.2007.

BOJUNGA, Lygia. *A casa da madrinha*. Ilustr.: Regina Yolanda. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. Livro, a troca. In: *Livro: um encontro*. Rio de Janeiro: Casa

Lygia Bojunga, 2010.

CAMPOS, Maria de Fátima. Literatura infantil: um caminho para o prazer de ler. In: _____. *A prática e o saber docente*. Teresina: SEMEC/Halley, 2008.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. [Canoas: ULBRA, 2006].

COELHO, Nely Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A invocação linguística em Lygia Bojunga Nunes. *Revista de Estudos de Língua Portuguesa*, vol. 2, n. 2, p. 94-106, UFMG, 1983.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: Eduel, 2013.

GUIMARÃES, Ana Rosa G de Paula; BOSCO, Jacqueline C. Gonçalves; SILVA NETO Joaquim Rodrigues da. Era uma vez um menino, um pavão e... "A casa da madrinha", de Lygia Bojunga. *REL – Revista Eletrônica de Letras*, vol. 5, n. 1, 2012.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2011.

MORAIS, Josenildo Oliveira de. *A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar*. 2011. Dissertação (de mestrado). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Ciência com consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da transdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001.

_____; MORIN, Edgar; FREITAS, Lima de. *Carta da transdisciplinaridade*. Portugal: Arrábida, 1994.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Edição comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. A complexidade, a escola e o aprender-ensinar. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. *Educação como espaço da cultura*. VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste. ANPEd. EdUFMT, 2006, p. 145-161.